

O LUGAR DO AMBIENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: APO NA CRECHE PAULO NIEMEYER

Hélide Steenhagen Blower
PROARQ/FAU/UFRJ
helide@multiplaarquitetura.com.br

Giselle Arteiro N. Azevedo
PROARQ/FAU/UFRJ
gisellearteiro@globo.com

Vera Maria R. de Vasconcellos
Faculdade de Educação – UERJ
vmrv@openlink.com.br

Introdução

Este artigo aborda a relevância das informações perceptocognitivas relativas aos ambientes de uma creche da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro¹. A partir da realização de uma Avaliação Pós-ocupação – APO, observou-se características ambientais da instituição não só sob o olhar do técnico, mas e, principalmente, na percepção dos usuários, tanto adultos quanto crianças. Foram analisados fatores técnico-construtivos (materiais, padrão construtivo, conforto ambiental etc.), fatores funcionais (adequação, segurança, circulações, acessibilidade, escala etc.) e fatores comportamentais (cognição, atitude, imagem etc.). Os instrumentos foram a observação compartilhada e outras ferramentas da APO, como a análise *walkthrough*, questionários, entrevistas, mapas cognitivos e poemas dos desejos (*Wish Poems*).

O presente trabalho apresenta apenas os resultados dos mapas cognitivos e dos poemas dos desejos com as crianças do Maternal II, onde pode ser investigado o caráter qualitativo do ambiente de Educação Infantil. Dentre os aspectos analisados estavam os significados e a valorização da instituição como um “lugar” repleto de valores e afetos (Tuan, 1980; 1983) e a influência desses valores para a criança de 03 e 04 anos, usuária do ambiente, segundo as reflexões de Henry Sanoff (1995). Os resultados obtidos apontam para a importância da contribuição das características ambientais para o desenvolvimento infantil, dando origem a uma série de recomendações para adaptação e modificação do ambiente pesquisado, de forma a adequá-lo às aspirações e necessidades dos usuários.

¹ Essa pesquisa foi parte integrante da dissertação de mestrado intitulada “O Lugar do Ambiente na Educação Infantil: Estudo de Caso na Creche Doutor Paulo Niemeyer”, de autoria de Hélide Blower, sob a orientação da Profa Giselle Arteiro e Profa Vera Vasconcellos (PROARQ/FAU/UFRJ, 2008)

Pressupostos teóricos

Os ambientes vivenciados pelo ser humano desde a mais tenra idade possuem uma variedade de características que ao serem observadas e sentidas, promovem diferentes impressões. Cada indivíduo é um ser único, com suas particularidades e individualidades, ao mesmo tempo que é parte de um grupo social. (BLOWER 2008). A projeção de espaços que serão habitados e vivenciados pelo ser humano, é tarefa do arquiteto, porém é necessário que as informações técnicas incluídas nos programas arquitetônicos sejam enriquecidas com contribuições de outras áreas, dando humanidade ao ato de projetar, consolidando a interação indivíduo e ambiente vivenciado. Essas contribuições trazem observações importantes com relação à vivência do homem no ambiente.

Vygotsky (2007) descreve as funções psicológicas superiores do homem, no processo de desenvolvimento, como um movimento em que o indivíduo deixa de utilizar marcas externas (dos outros) e passa a adotar signos internos próprios, as chamadas representações mentais, que substituem os objetos reais na internalização do pensamento. O uso das representações mentais liberta o homem do espaço e do tempo presentes e são, segundo Oliveira (1975), o principal mediador a ser considerado na relação do homem com o meio ambiente. É através da Percepção Ambiental e da mediação da interação social que o ser humano toma consciência do meio com o qual está interagindo. A forma como o vivencia, numa relação de troca e reciprocidade, o fará estabelecer relações que virão a influenciar seu comportamento.

Por meio das diversas percepções (relativas aos sentidos e às informações socioculturais), o espaço é vivenciado; a percepção ambiental dará lugar às sensações provocadas por elas e que, conjuntamente, farão parte da concepção do ambiente interiorizado pelo indivíduo. Ainda de acordo com Tuan (1980), a percepção que o indivíduo terá de determinado objeto é influenciada pela sua própria cultura, isto é, está sujeita à sua interpretação subjetiva, a qual é mediada por experiências e vivências anteriores aliada ao processo de significação apreendido em seu grupo social. O espaço, uma vez vivenciado e experienciado, passa a ser reconhecido como **ambiente**. A este último, as sensações vividas determinarão sentimentos e lhe atribuirão valores; desta forma, o espaço, antes sem identidade, passa a ser compreendido como **lugar**.

O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor [...] As idéias de “espaço” e “lugar” não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplidão, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. (TUAN 1983, p. 7)

Pode-se dizer então que a experiência é o fenômeno de transformação do **espaço** em **lugar**. Segundo Norberg Shulz (1995), “o lugar é um fenômeno qualitativo total que não se pode reduzir a nenhuma de suas propriedades, como as relações espaciais, sem que se perca de vista sua natureza concreta”(p. 445).

Torna-se relevante então, observar como os ambientes de Educação Infantil estão sendo experienciados e percebidos por seus usuários, principalmente as crianças, uma vez que suas características estarão influenciando diretamente essa percepção e indiretamente contribuindo ou não no sucesso da função formadora e educadora da creche ou pré-escola.

O espaço adquire identidade, passa a ser reconhecido como ambiente, através da atribuição de um valor simbólico, que a este é referido por quem o experiencia; este ambiente interage com o indivíduo e a ele proporciona identificação, segurança, equilíbrio e orientação; ou sentimentos adversos como não apropriação, medo, insegurança, desequilíbrio e desorientação. (BLOWER, 2008 pág.116)

Contextualização do Objeto de Estudo

Vinculada à Secretaria de Administração do Município, a Creche Institucional Doutor Paulo Niemeyer² funciona há três anos atendendo a faixa etária de 0 a 4 anos. Situada à Av. Presidente Vargas, na Cidade Nova no Centro, atende aos funcionários municipais locados em diversas unidades da administração municipal. Em 2007, a instituição recebia 152 crianças, possuindo cerca de 50 funcionários, dentre os quais, 40 educadores, 3 cozinheiras, 3 lactaristas e 1 auxiliar administrativa.

O prédio tem dois pavimentos em sua parte frontal e a maior parte dos ambientes está localizada no térreo. Neste encontram-se o hall de entrada, a secretaria com sanitários para a administração, 4 salas de atividades (duas para Maternal I – crianças de 2 e 3 anos – e duas para o Maternal II – crianças de 3 e 4 anos) com sanitários e solários,

² O projeto de arquitetura é de autoria de Lídia Barboza da Silva, Fernando Lyra e José Garcia Villar, arquitetos vinculados ao PREVI-RIO - Instituto de Previdência e Assistência do Município do Rio de Janeiro

1 sala utilizada como pátio coberto ou brinquedoteca, 3 berçários com lactário e fraldário, refeitório, cozinha, lavanderia e serviços, além de pátio externo central. No pavimento superior existem salas destinadas (originariamente a: enfermaria, consultórios médico e psicológico, dentista, sanitários e copa), sendo que algumas delas encontram-se desativadas, tendo duas sido transformadas em Sala de TV e vídeo e Sala de Leitura. As fachadas da edificação são orientadas no sentido Norte-Sul, com entrada posicionada na direção Sul (Fig. 1) e a maior parte das salas de atividades voltadas para o Leste (nascente). O partido arquitetônico foi determinado em “U”, com pátio central e circulações abertas com colunata no entorno do pátio. (Fig. 2)



Fig. 1 - Fachada frontal Rua Afonso Cavalcanti



Fig. 2 - Pátio externo

Etapas da Pesquisa de Campo

Os ambientes da creche foram analisados a partir da metodologia da Avaliação Pós-Ocupação, considerando fatores técnico-construtivos, funcionais e comportamentais, sob o ponto de vista do técnico observador e dos usuários. A visão multidisciplinar adotada proporcionou uma avaliação mais abrangente, valorizando a satisfação do usuário em relação ao ambiente construído. Observa-se a criação de referências e recomendações que podem servir de base aos futuros projetos dessa especificidade.

As grandes diversidades existentes no país, tais como: heterogeneidade da densidade demográfica, recursos socioeconômicos, contexto cultural, além das condições geográficas e

climáticas, exigem uma abordagem de projeto que identifique os parâmetros fundamentais para a qualidade do ambiente das unidades de educação infantil e ofereça condições para que as municipalidades criem uma rede de qualidade, adaptando esses critérios de acordo com as suas especificidades. (BRASIL 2006, p. 3)

As visitas frequentes à instituição desde 2006 promoveram conseqüente interação da pesquisadora com os usuários, criando familiaridade e laços afetivos que permitiram um outro enfoque, ao qual denominou-se “observação compartilhada”. Esse enfoque, que compreende o ambiente como um sistema de relações e interações, no qual os usuários atuam ativamente, gerou uma observação de ações e comportamentos que serviram para complementar os resultados obtidos nos demais instrumentos, observação essa não isenta da sensibilidade e dos aspectos afetivos pessoais da pesquisadora que foram incorporados em sua própria vivência na instituição. Essa familiaridade também contribuiu com a espontaneidade das respostas dos usuários, não percebendo a presença da pesquisadora como estranha.

A Análise *Walkthrough*

Foram realizadas visitas técnicas de observação, sob o ponto de vista do pesquisador, para as avaliações de desempenho. Tais visitas constituíram-se principalmente pela observação direta do edifício, sendo complementadas pela leitura dos projetos (arquitetônicos, estruturais etc.) e das especificações técnicas. Por meio de uma observação exploratória constituída por um percurso completo por todos os ambientes, com medições e levantamentos fotográficos, procurou-se identificar a eventual ocorrência de falhas, problemas e aspectos positivos dos ambientes.

As Entrevistas

As entrevistas semi-estruturadas ocorreram em conversas informais com a diretora da creche e os arquitetos autores do projeto. A entrevista com a diretora permitiu compreender o funcionamento da instituição, seu público-alvo e respectivos

aspectos socioculturais, além de observar o desenvolvimento da metodologia pedagógica nos ambientes da creche e sua própria história. A entrevista com os autores do projeto teve como objetivo conhecer os parâmetros projetuais adotados, além da existência ou não de uma avaliação criteriosa da instituição após seu efetivo funcionamento.

Os Mapas Cognitivos e os *Wish Poems*

Conforme enuncia Sanoff (1991), uma boa forma de obter informações é pedir ao indivíduo para fazer um *self-report*, ou seja, relatar o ambiente com suas próprias memórias, enquanto vivenciado ou como recordação. Tais relatos podem ser feitos em forma verbal, escrita ou visual (representações gráficas ou maquetes), demonstrando que as características que são reportadas são as únicas que importam e que têm verdadeiro significado para os usuários.

Partindo desse pressuposto, buscou-se, através da aplicação dos dois instrumentos, a aproximação das imagens mentais que as crianças da creche guardavam de seus ambientes. Utilizou-se o desenho (grafismo), acompanhado de descrição oral. A adoção dessa combinação, gráfico-verbal, superou as diferenças nos talentos individuais para o desenho. Esses instrumentos foram aplicados com as crianças do Maternal e nesse trabalho enfocamos especificamente o Maternal II (crianças de 3 a 4 anos de idade). Foi necessária a participação das educadoras e auxiliares no momento de desenho das crianças, não só para ajudar na interpretação da fala ou descrição dos mesmos, mas também por uma questão referencial³. Os dois instrumentos terão sua metodologia descrita separadamente a seguir.

Mapas Cognitivos com as Crianças

As duas turmas do Maternal II (15 a 20 crianças cada uma) foram divididas em mesas de aproximadamente 6 crianças, ficando cada grupo sob a tutela da pesquisadora ou de um dos educadores. Após a distribuição de papéis em branco, lápis cera e canetas

³ Era necessária a presença das educadoras também como ordenadoras da atividade e não como participantes.

hidrográficas (*pilots*), solicitamos às crianças que fizessem o “desenho da sua CRECHE”, ou perguntamos como a desenhariam. Durante a atividade, nos aproximávamos de cada um com o objetivo de anotar a descrição de cada criança àquilo que estava sendo desenhado. Tal acompanhamento foi necessário, pois nessa faixa etária poucos conseguem fazer um desenho com fácil identificação. Os registros das impressões e descrições foram feitos nas próprias folhas, assim como o nome e a idade da criança. Analisamos as representações gráficas, desenhos, aliadas à descrição verbal da criança, para compreendermos qual a imagem que ela faz da creche.

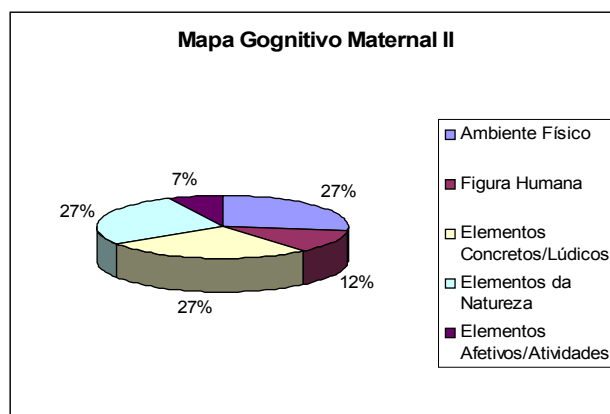
Wish Poems (Poema dos Desejos) com as Crianças

Assim como poemas tradicionais que rimam, *Wish Poems* são espontâneos e permitem que as informações fluam com liberdade. O processo consiste de um grupo de declarações que compõem as respostas à seguinte frase: “Eu gostaria que a minha creche...” Para Sanoff (1979, p. 9), “um *Wish Poem* é uma forma de encorajar os alunos, professores e pais a fantasiarem seus sonhos da escola ideal através de um processo aberto.” No Maternal II a metodologia para a aplicação dos *Wish Poems* foi a seguinte:

Valendo-nos da comunicação por meio do desenho entre a pesquisadora e as crianças (usuários), de forma a não confundirmos com a solicitação anterior do Mapa Cognitivo, e de comum acordo com as educadoras (após breve intervalo), distribuímos novas folhas em branco e pedia-se às crianças que desenhassem o que gostariam de ter ou ver na creche, ou fizessem um desenho cujo tema seria “Eu gostaria que minha creche....” Com este instrumento estar-se-ia prospectando a satisfação e as necessidades do usuário ainda não contempladas pelo edifício. A forma de aplicação do segundo instrumento foi idêntica à primeira.

Análise dos Mapas Cognitivos com as crianças

No Maternal II, observou-se um maior índice de representações por criança, devido à diferença na faixa etária 3 e 4 anos. O Ambiente Físico, os Elementos Concretos e Lúdicos e os Elementos da Natureza obtiveram maior índice nas representações (27 %), seguido pelas Figuras Humanas (12%) e os Elementos Afetivos e de Atividades Artísticas (7%), como categoria.



Ratificou-se, na categoria de Ambiente Físico, a importância do conjunto do Edifício na maioria das representações (Fig. 3) e dos Brinquedos como grande representante das atividades da creche, sendo o elemento de maior recorrência nos desenhos dos Elementos Concretos e Lúdicos. (Fig. 4)

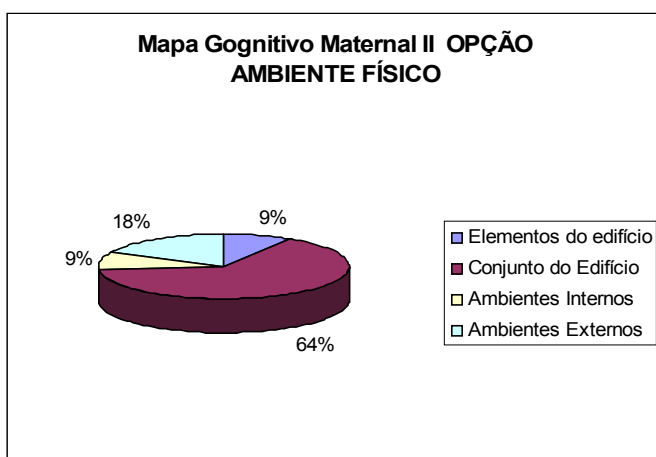


Fig. 3 – “Prédio da creche e pátio”

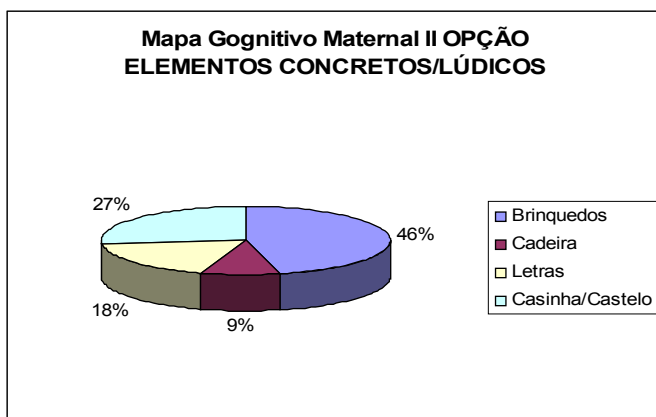
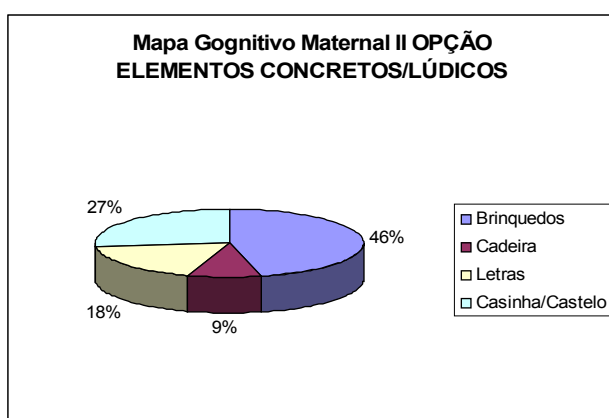
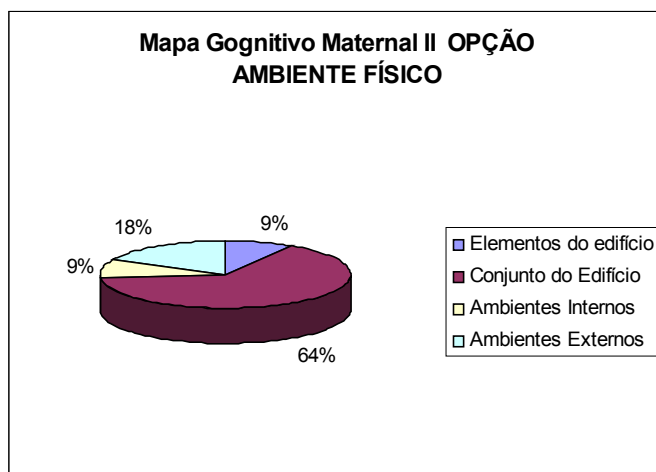


Fig. 4 – “Brinquedos”

Nos Elementos da Natureza, há supremacia significativa do número de representações de animais nessa faixa etária. Pode-se conferir a presença do animismo na criança pequena, dando vida e igual importância a tudo que existe. Contudo, vale ressaltar que, um número menor de representações do pai e da mãe, denota uma maior apropriação da vida fora da célula familiar, já que aparecem como subcategorias o coleguinha, o educador da creche e, ainda, uma supremacia nas representações dela própria. Pode-se dizer que, nessa faixa, a criança está construindo sua própria identidade. (Fig. 5)



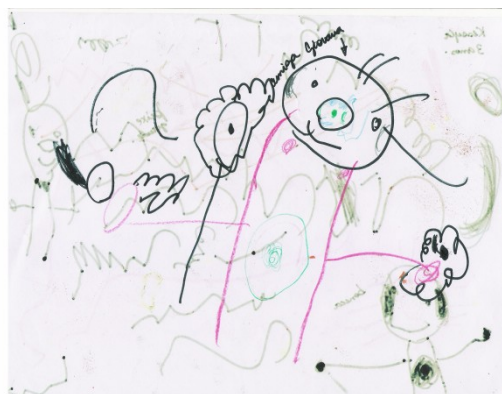
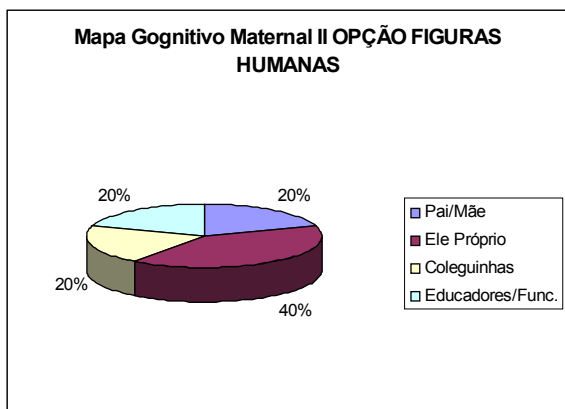
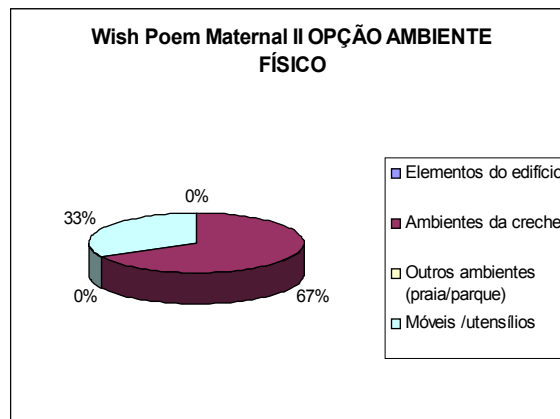
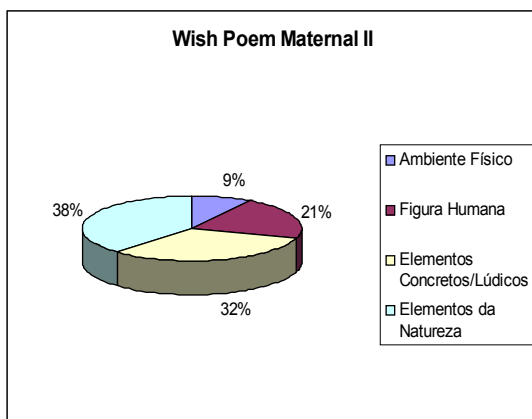


Fig. 5 - A amiga "Giovana"

Análise dos *Wish Poems* do Maternal II

As categorias principais relacionadas foram: Ambiente Físico, Figuras Humanas, Elementos Concretos e Lúdicos, e Elementos da Natureza. O Ambiente Físico da creche continuou pouco citado, o que denota ainda dificuldade de apropriação do espaço físico pela criança pequena (Fig. 6). Nas Figuras Humanas, os pais na creche constituem o maior desejo da criança, porém já aparecem os coleguinhas e ela própria. (Fig. 7)





Figs. 6 e 7 – “Sala de Tv e Vídeo”; “Minha mãe na creche e um montão de meninos”

Os brinquedos continuam como forte evidência nos Elementos Concretos e Lúdicos, contudo aparecem menções à própria casa (quase 20 % da Categoria). (Fig. 8)

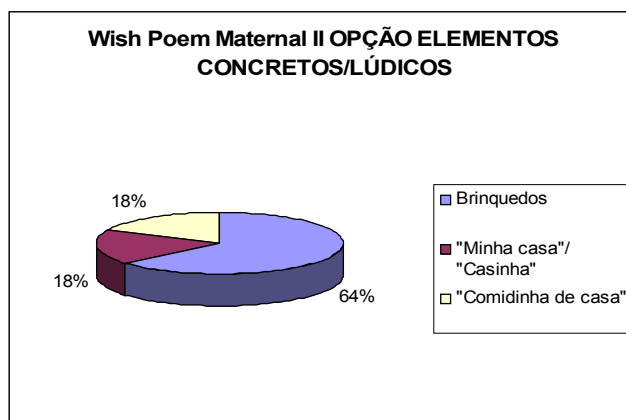




Fig. 8– “Boneca” e “Comida da casa dele”

Os animais também são a maioria nos Elementos da Natureza (38%) com menções ao sol, céu, chuva e outros. Tal observação denota uma maior abertura do horizonte perceptivo da criança de 3 a 4 anos, e o início da vivência ambiental no mundo que a cerca, já mais desvinculada do pequeno círculo no qual nasceu.

Considerações Finais

A metodologia da Avaliação Pós-Ocupação promove uma importante reflexão a respeito da adequação do ambiente construído, proporcionando ao técnico planejador uma fotografia real da eficiência funcional e da qualidade da edificação, sob a ótica dos seus usuários. Normalmente o planejador coloca-se numa posição de superioridade técnica, decidindo, o que seria necessário e conveniente para o usuário, sem dar chance para que ele se manifeste. De forma a não percorrer tal caminho equivocado, a APO possibilita a construção de um olhar compartilhado, mesclando as informações obtidas pelo olhar técnico do pesquisador (arquiteto) e os olhares diferenciados dos usuários, tanto crianças, quanto funcionários da instituição pesquisada.

Considerando essa experiência ambiental na Creche Doutor Paulo Niemeyer, fica claro que, as características do Edifício como um todo e seus aspectos particulares podem prover o imaginário infantil de informações importantes que farão parte do conceito e valor atribuídos a tal ambiente. Segundo Tuan (1983), essa vivência ambiental cria laços afetivos com o ambiente. Desta forma é fundamental que os

ambientes ratifiquem os aspectos de afetividade, sendo aconchegantes, convidativos, não muito distantes da escala dos ambientes conhecidos e tendo como referência as dimensões de uma criança.

No estudo de caso em questão, verificou-se que a identidade da creche está comprometida com o entorno e não propriamente com sua função. Do entorno fazem parte a chegada, os percursos e a pré-entrada da instituição, os quais atuam sobre o imaginário da criança de forma simbólica e significativa. Tal mensagem é falha no reconhecimento (não se parece com uma creche), no acolhimento (tem dimensões grandes demais, verticais demais, em relação à escala infantil), carece de vegetação ou materiais mais acolhedores, como madeira e outros, e de elementos estruturadores (marcos construídos, vegetais de grande porte, comunicação visual etc) do ambiente na sua entrada. Essas questões ficam claras nas representações dos Mapas Cognitivos das crianças onde o conjunto do edifício é a maioria na categoria Ambiente Físico, porém sem nenhuma identificação clara dos elementos ou características físicas reais do edifício, a não ser a cor verde. Os sentimentos provocados pelo edifício começam a se delinear a partir da chegada, dos caminhos que levam ao hall de entrada da instituição. “Em alguns casos, pode-se facilmente identificar quem usa o edifício e o que acontece dentro dele mesmo, somente observando-se a sua entrada.” (SANOFF & SANOFF 1995, p. 61). Notou-se, porém, pouca percepção, por parte das crianças, com relação aos aspectos subjetivos desse percurso de chegada e do entorno como um todo, já que em nenhum dos desenhos esse elemento foi figurado. Tais elementos poderiam promover a segurança da criança em seu deslocamento e facilitar o reconhecimento do ambiente, já que, segundo Tuan (1983), a “imagem” que a criança faz de um lugar de valor é de estabilidade, segurança e permanência.

Apesar de não haver uma grande representação explícita na subcategoria Elementos da Natureza (apenas 9 % de representações do sol), a implantação da instituição pesquisada foi bastante prejudicada pelo micro-clima da região do Centro do Rio e de seu entorno árido e poluído. Observa-se que, o não atendimento às questões de conforto nesse caso, denota um desconhecimento ainda recente das implicações dessas questões no desenvolvimento infantil e a não conscientização do projetista com a visão ecológica ambiental do ambiente construído, além dos determinantes políticos na escolha do sítio.

O documento Parâmetros Básicos de Infra-Estrutura para Edificações de Educação Infantil (Brasil, 2006), chama a atenção para a importância e contemporaneidade desse fato. É essencial que já na etapa de programação sejam definidas e incorporadas metas para se alcançar uma “qualidade ambiental” do futuro edifício. Dentre essas metas estão incluídos fatores como saúde e qualidade do ar interior, conforto térmico, conforto visual, conforto acústico, segurança, proteção ao meio ambiente, eficiência energética, eficiência dos recursos hídricos, utilização de materiais construtivos não poluentes e característicos da região, além da consideração do edifício como uma ferramenta de desenvolvimento das múltiplas dimensões humanas. (BRASIL 2006, p. 17)

Destacamos a importância das áreas livres para os usuários, confirmando, Lima (1995), que diz “o brincar” faz parte da necessidade básica de sobrevivência de muitos seres vivos. Pela brincadeira, o pequeno descobre o mundo, imita situações da vida adulta. Elali (2003, p. 313) discorre sobre a importância das áreas livres na delimitação dos ambientes destinados à educação infantil, uma vez que tais locais permitem às crianças desenvolver a psicomotricidade ampla e um maior contato com a natureza. No entanto, na creche o pátio descoberto é reduzido, com baixo conforto térmico (ensolarado todo o dia); por sua vez os solários não têm sol, situados à sombra do prédio vizinho com materiais de acabamento inadequados; alia-se a esses fatos a ausência de áreas verdes e contato com outros materiais e texturas, tais como terra, areia, grama ou plantas. Essa observação não foi explícita nos *Wish Poems* das crianças, porém vale ressaltar que os ambientes específicos são de difícil discriminação pelas crianças na faixa etária da creche. Contudo, a falta de integração dos ambientes externos, com a natureza, é notável, e, acredita-se, prejudicial para as atividades desenvolvidas pelas crianças na instituição. Segundo Sanoff & Sanoff (1995) é aconselhável um planejamento apropriado de áreas internas e externas que se comuniquem, encorajando um fluxo constante de crianças às atividades em ambos os ambientes.

É importante destacar ainda a reflexão a respeito da categoria “Elementos Lúdicos”, passando pela disponibilidade de materiais pedagógicos e pelo próprio equipamento de mobiliário da creche. Tais aspectos estão diretamente relacionados ao desenvolvimento infantil, haja vista a forte representação dos brinquedos nos desenhos das crianças, não só como desejo expresso nos *Wish Poems*, como também significando

a própria creche nos Mapas Cognitivos infantis. O “brincar” para a criança é fundamental e produz uma enorme gama de desdobramentos. O brinquedo para a criança pequena está muito além do simples estímulo à imaginação ou da simples substituição de um desejo imediato não realizado. É por meio dele, da brincadeira, que a criança recria e se apropria da realidade observada por ela própria no mundo que está descobrindo. Esse fato trará à brincadeira uma vivência e uma experiência emocional.

A instituição pesquisada, sob o ponto de vista da pesquisadora ainda oferece poucos brinquedos e materiais às atividades das crianças. Tal fato aparece nos desenhos das crianças que anseiam por mais brinquedos, não só nas respostas dos *Wish Poems*, como também quando caracterizam a creche nos seus Mapas Cognitivos. A limitação dessa oferta estará, com certeza, limitando as possibilidades de desenvolvimento infantil. Esse item já está sendo considerado nas demais pesquisas desenvolvidas na creche e também pela direção.

Os resultados deste trabalho confirmam a importância de se considerar o ponto de vista das crianças - usuárias principais da Unidade de Educação Infantil, nas pesquisas de avaliação da qualidade do ambiente construído. Compreendemos a criança como interlocutor competente e informante qualificado. Esta afirmação, comprovada no cruzamento dos dados obtidos com a aplicação dos demais instrumentos e na própria observação da pesquisadora, demonstram a eficiência e a relevância das informações obtidas através dos desenhos infantis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOWER, Héliide C. S. **O Lugar do Ambiente na Educação Infantil**: Estudo de Caso na Creche Doutor Paulo Niemeyer. Dissertação de Mestrado. PROARQ/FAU/UFRJ: Rio de Janeiro,, 2008

BRASIL Ministério da Educação. **Parâmetros Básicos de Infra-Estrutura para instituições de Educação Infantil**. Brasília / DF, 2006.

ELALI, Gleice A. **O ambiente da escola : uma discussão sobre a relação escola-natureza em educação infantil** – Estudos de Psicologia, Vol 8 , n. 2. Natal/RN, 2003

LIMA S. Mayumi. **Arquitetura e Educação**. São Paulo: Studio Nobel,1995.

NORBERG SHULZ, C. **Existência, espaço y Arquitetura**. Ed. Blume Barcelona,1975.

OLIVEIRA, Martha K. de – **Vigotsky: aprendizado e Desenvolvimento, Um Processo sócio-histórico**. Scipione, São Paulo/SP,1995

SANOFF, Henry. **Design Games**. Ed. Willia, Kaufmann. Inc., USA, 1979.

SANOFF, Henry. **Visual Research Methods in Design**. Ed. John Wiley & Sons Inc., USA, 1991.

SANOFF, Henry & SANOFF, Joan. **Creating Environments for Yong Children**. North Carolina Tate University, 1995.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência**. Ed. Difel, São Paulo, 1983.

TUAN, Yi-Fu – **Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio ambiente**. Ed. Difel, São Paulo, 1980.

VIGOTSKY, Lev S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.